

A MOEDA, O BANCO, O CAPITALISMO E O SOCIALISMO

O dinheiro não é tudo na vida: tudo é a falta dele.

Adágio popular.

Antes, todo o comércio era feito na base da troca. Já imaginou a dificuldade? “Pagamentos, empréstimos e juros eram, a princípio, feitos em produtos, especialmente gado e grãos”.¹ O ouro e a prata foram muito usados como mercadoria de troca devido à sua larga aceitação, facilidade de guarda, de transporte e de conservação, não se deteriorando com o tempo.

O boi foi muito usado como moeda. “As primeiras moedas romanas tinham em uma das faces a efigie de um boi”.² A palavra *pecus*, em latim, significa **gado**, daí a palavra portuguesa **pecuária**; *pecunia* significa **dinheiro**, dando origem à palavra portuguesa **pecúnia**, com o mesmo significado. E **capital** vem do latim, *caput*, que significa **cabeça**, numa clara referência a **cabeças de boi**, no sentido de quantidade de animais (Fulano possui tantas cabeças de boi).

A maior invenção humana, a meu ver, é a escrita³ que permitiu ao homem registrar a lei, trazendo a ordem e facilitando o progresso. Possibilitou o registro do conhecimento, a criação e o desenvolvimento da ciência. Com o desenvolvimento da escrita cuneiforme, Hamurabi (1750-1790 a.C.), sexto rei da quinta dinastia babilônica, promulgou o seu código de leis⁴ e a nação Suméria passou por uma fase de progresso e esplendor que durou cerca de 1500 anos. Nenhum povo sem língua escrita se desenvolveu. Inventada há 5.000 anos possibilitou a invenção do livro, o mais interessante dos utensílios do homem, por ser uma extensão de sua memória e de sua imaginação. A segunda grande invenção humana, se posso dizer assim, seria o dinheiro. Ele facilita a geração e a circulação da riqueza. Sua referência mais antiga nos vem da Índia: “Os arqueólogos encontraram em Mohenjo-daro moedas cunhadas em 2900 a.C.” “Senaquerib, imperador da Assíria (hoje, Norte do Iraque), 700 a.C., cunhava meio shekel de prata”.⁵ Não se sabe se os assírios aprenderam a técnica com os hindus. “Os persas aprenderam a cunhagem de moeda com os lídios”,⁶ quando Ciro conquistou a Lídia, por volta de 546 a.C.

“Creso, rei da Lídia, 570-546 a.C., distinguiu-se, sobretudo pela cunhagem de moedas de ouro e prata de admirável desenho e com valor garantido pelo Estado; e, embora não fosse o início da cunhagem oficial de moeda, o seu ato exerceu forte influência no comércio do Mediterrâneo; (p. 241): Dario I, o Grande, imperador persa, século V a.C., cunhou o **dárico** de ouro que valia cinco **dólares** (valor da moeda americana de 1935); três mil **dáricos** equivaliam a um **talento** persa, dando-lhes o valor-ouro relativo a prata de 13,5 para 1; está aqui a origem da relação bi metálica dos sistemas monetários modernos”.

¹Will Durant, Nossa Herança Oriental, Editora Recorde, Rio de Janeiro, 1963, p. 241.

²Will Durant, Nossa Herança Oriental, op. cit., p. 11.

³A escrita foi inventada há 5.000 anos. Possibilitou a invenção do livro, o mais interessante dos utensílios do homem, por ser uma extensão de sua memória e de sua imaginação, como disse o famoso escritor argentino Jorge Luiz Borges.

⁴MACK, Rosamund E, The Code of Hamurabi edição do Ministério da Cultura e Informação do Iraque, em 1979.

⁵Will Durant, Nossa Herança Oriental, op. cit., p. 195.

⁶Will Durant, Nossa Herança Oriental, op. cit., p. 241;

Alexandre, o Grande, foi a primeira personalidade a usar a moeda como veículo de propaganda, como meio de promoção de sua imagem. Após conquistar a Pérsia, em campanha que durou de 333 a 330 a.C, mandou cunhar a moeda com o seu rosto visto de perfil, utilizando-se de 30 casas de cunhagem espalhadas pela imensidão de seu reino. Após sua morte, por gerações seus sucessores continuaram a usar o rosto de Alexandre estampado nas peças cunhadas para manter-lhes a credibilidade. Mais tarde, os romanos aprenderam com os gregos e espalharam a técnica por toda a Europa. Até hoje podemos encontrar as figuras dos soberanos estampadas nas cédulas e nas moedas, como meio eficaz de promoção da imagem dos poderosos⁷ e dos heróis. Mas, por volta de 250 a.C⁸ ...

“parece terem sido os cartagineses os primeiros a emitir um equivalente do papel-moeda: pedaços de couro estampado com sinais de valor e aceitos em toda a área de Cartago. Em Roma, no século II a.C. (p. 70): prosperavam e proliferavam os banqueiros que pagavam juros de depósitos, descontavam cheques (que se chamavam *praescriptiones*), honravam saques de clientes, tomavam e emprestavam dinheiro”....e, na China, no século X, (p. 492): “um dos usos mais antigos dos blocos ou matrizes foi na impressão de papel-moeda, aparecido primeiramente em Szechuan, e que se tornou uma das favoritas ocupações do governo chinês: um século mais tarde ocorreu, na China, a primeira experiência de inflação. “Em 1294, a Pérsia imitou esta nova maneira de fazer circular a riqueza; em 1297, Marco Polo fala com espanto sobre o respeito que os chineses mostravam por esses curiosos pedaços de papel; mas, só em 1656 a Europa aprendeu o truque e fez as suas primeiras emissões de papel-moeda.”

Carregar moeda sempre foi muito perigoso. Assim, de uma forma extremamente natural, surgiram as **casas de custódia**⁹ que aceitavam a guarda da moeda e davam ao proprietário um título de posse. Inicialmente, estas casas cobravam para guardar a moeda que era ali depositada em cofre individual, em nome do cliente. Mas estes títulos de depósito começaram a circular nas transações comerciais e verificou-se que pequena quantidade deles era resgatada. As **casas de custódia** acabaram com o sistema de cofre individual, adotando um caixa único. Evoluindo um pouco mais, passaram a emprestar dinheiro, mediante garantias: estava assim inventado o banco.

A primeira referência conhecida de uma casa bancária é da Suméria, de 550 a.C., onde é, hoje, o Iraque. Foram desenterrados os arquivos de um banco com 150 anos de contabilidade registrada¹⁰. A história conta que, em 597 a.C., Nabucodonosor, rei da Babilônia, conquistou Israel, trazendo cativos os judeus, que eram pastores e, nesta época, desprezavam as atividades comerciais que lhes eram de má reputação. Mas a necessidade de sobreviver sem os rebanhos fez com que o profeta Jeremias os exortasse a praticar as atividades mercantis que desprezavam. Cinqüenta anos após o início do cativeiro, quando o imperador persa, Ciro II, o Grande, conquistou a Babilônia e libertou os judeus, tinha já este povo dominado o comércio e a atividade bancária na região. Muitos já haviam se enriquecido e recusaram-se a regressar à pátria que lhes fora devolvida pelo conquistador. Assim, há quase 2600 anos, os judeus têm se dedicado à atividade mercantil e bancária. Nesta época, o banco já emitia a carta de fiança, garantindo as transações financeiras.

A casa bancária possui enorme função social: recolhe a poupança miúda do povo e das organizações,

⁷ No Brasil, país de poucos poderosos e de escassas figuras heróicas, a imagem nas cédulas têm sido usadas para homenagens a personalidades históricas e para campanhas de preservação ambiental: mico-leão-dourado, onça-pintada, beija-flor...

⁸ Will Durant, *César e Cristo*, Editora Record, Rio de Janeiro, 1971, p. 34.

⁹ José Paschoal Rosseti, *Introdução à Economia*, Editora Atlas, São Paulo, 1988, p.189.

¹⁰ Werner Keller, *...E a Bíblia Tinha Razão*, Editora Melhoramentos, São Paulo, 1992, p. 311: "MURASHU & FILHOS-GRANDE BANCO INTERNACIONAL-SEGUROS, CONTRATOS DE EMPRÉSTIMOS E ARRENDAMENTOS-BENS MÓVEIS E IMÓVEIS-SEDE EM NIPPUR-FILIAIS EM TODAS AS PRAÇAS".

formando uma massa monetária que financia o comércio, a indústria, as pessoas e o governo; viabiliza e agiliza a circulação de riquezas; multiplica as transações comerciais. Sem um eficiente sistema bancário nenhuma nação pode progredir.

O banco multiplica a moeda em poder do público: vai-se ao banco e depositam-se mil reais; estes mil, descontadas as reservas, são emprestados a Fulano, que compra um bem com esta quantia; quem recebe este valor deposita-o, outra vez, no banco, que, por sua vez, empresta-o a Sicrano, e, assim, sucessivamente. Para evitar que o banco multiplique excessivamente a quantidade de moeda em poder do público, o **Banco Central** exige que sejam recolhidos os seus cofres uma percentagem de todos os depósitos: é o **depósito compulsório**, para **enxugar** a economia, limitando o poder multiplicador do banco. Rossetti¹¹ ensina que:

“os primeiros **bancos centrais** foram criados na Holanda (1814), Noruega (1816), Áustria (1816) e Dinamarca (1818). A instituição dos **bancos centrais** data do início do século XIX, quando os poderes públicos passaram a regulamentar a emissão de moeda, confiando-a a uma única instituição bancária de caráter oficial.”

Inicialmente, os bancos emitiam moeda e não eram controlados. Os governos entenderam que a emissão de moeda representa uma enorme fonte de poder e, para limitar o poder dos bancos, criou-se o **Banco Central**, que, além de administrar a moeda do país, controla toda a atividade bancária da nação. “Até que os **bancos centrais** fossem criados, primeiramente, na Holanda, a partir de 1814¹²”, aconteceram muitos escândalos financeiros envolvendo casas bancárias.

No Brasil, os bancos chegaram tardiamente. O primeiro banco foi criado por Dom João VI, em 1808, quando aqui chegou de Portugal escorraçado pelas tropas de Napoleão. O Banco do Brasil era a autoridade monetária, fazendo o papel de banco central e, ao mesmo tempo, realizando as operações financeiras de rotina.

Quando se faz um depósito bancário o que passa a existir no banco é uma conta, (pois a moeda gira continuamente): é o que se chama **moeda escritural**. No Brasil, o montante em moeda escritural representa, aproximadamente, 4 vezes o montante em moeda manual. O Banco Central controla estes valores ao controlar a emissão de moeda e ao restringir o montante em moeda escritural, através do depósito compulsório, que é utilizado para **enxugar** a economia. O depósito compulsório é um depósito que os bancos são obrigados a fazer no Banco Central, e que, no Brasil, gira em torno de trinta a quarenta por cento do montante dos depósitos recebidos pelas instituições bancárias.

Pode-se imaginar o enorme impulso dado à economia pelo sistema bancário que multiplica a moeda e a faz circular com enorme velocidade. Não se concebe a vida moderna sem o banco, que capta a poupança e a empresta, otimizando a utilização dos recursos financeiros, gerando enorme benefício social. Ele é remunerado pelos serviços que presta ao cliente e pelos juros dos empréstimos que faz, enquanto remunera o poupador com uma taxa mais baixa, beneficiando-se desta diferença.

O lucro é o benefício conseguido pela empresa quando esta satisfaz necessidades de uma sociedade na qual se insere. Este benefício pode ser, ou não, financeiro.

O exemplo do banco é muito bom para ilustrar o fato de que todos podem ganhar numa transação comercial. Vejamos: quem deposita em poupança, ou em conta corrente, ganha um benefício, pois, sendo voluntário o ato de depositar, mesmo assim as pessoas o praticam; por sua vez, quem saca um empréstimo ganha um benefício, porque, se não auferisse vantagem alguma, não pediria o empréstimo; a casa bancária que recolheu e emprestou uma massa de recursos ganha os juros diferenciais; quem vende voluntariamente uma mercadoria ganha porque a vendeu, e quem compra ganha porque precisava comprá-la. Isto quer dizer que a riqueza é multiplicada nas transações comerciais. E, para que alguém ganhe, não é necessário que outro perca. Assim, a economia não é como um jogo em que alguns têm que perder para que outros possam ganhar. Inventou-se desta forma, o capitalismo, sistema

¹¹ -Rosseti, José Paschoal, Introdução à Economia, Editora Atlas, São Paulo, 1988, p. 220.

¹² -Rosseti, José Paschoal, op. Cit., p. 220.

econômico reinante no mundo desde o surgimento do capital. Mas é necessário que a sociedade fique sempre atenta aos excessos do capitalismo que é, basicamente, selvagem, como podemos ver neste texto de Leo Huberman:

“Poderíamos dizer que o capital necessário para iniciar a produção capitalista veio das almas cuidadosas que trabalharam duro, gastaram apenas o indispensável e ajuntaram a economia aos poucos. Houve sempre quem economizasse, é verdade, mas não foi desta forma que se concentrou a massa de capital inicial. Seria bonito, mas a verdade é bem diversa (...) comércio, conquista, pirataria, saque, exploração, foram as formas pelas quais o capital necessário para iniciar a produção capitalista foi reunido. Não é sem razão que Marx escreveu: se o dinheiro (...) vem ao mundo com uma mancha congênita de sangue numa das faces, o capital vem pingando da cabeça aos pés, de todos os poros, sangue e lama”¹³.

O mesmo autor, falando sobre a brutalidade do capitalismo, se refere ao trabalho infantil a partir de dois anos de idade, em uma fábrica inglesa¹⁴:

“Em 1883, a Comissão fez novamente um relatório sobre o emprego de crianças nas fábricas. Neste relatório há o depoimento de Thomas Clarke, de 11 anos: (...) Sempre nos batiam se adormecíamos (...) o capataz costumava pegar uma corda da grossura de meu polegar, dobrá-la, e dar em nós (...) Eu costumava ir para a fábrica um pouco antes das 6, por vezes às 5 e trabalhar até às 9 da noite. Trabalhei toda a noite, certa vez (...) Meu irmão faz o turno comigo. Ele tem 7 anos.”

Em 1934, ainda existia nos Estados Unidos emprego de mão-de-obra infantil, a partir de dois anos, afirma Leo Huberman na mesma obra.

Fabrica-se, então, a riqueza do homem? De onde ela vem? O homem tira a riqueza de seu trabalho, de sua energia e dos recursos naturais existentes na terra. Quem inventou o computador gerou uma riqueza incalculável, transformando energia em conhecimento. Quem o fabricou usou conhecimento, trabalho e elementos da terra. Estes elementos sempre existiram, mas não estavam a serviço do homem. As empresas que desenvolveram o computador se enriqueceram com os lucros. Da mesma forma, os usuários multiplicaram os seus ganhos. Por trás de tudo, alguém investiu, alguém financiou, outro tomou empréstimo e todos ganharam.

A riqueza do homem cresce.

Com o século XV veio o fortalecimento do conceito de nação, enfraquecendo o regime feudal e reduzindo a força da Igreja. Até então, quando se tinha alguma dúvida sobre qualquer assunto, consultava-se a Igreja sobre o caminho a seguir. Os tribunais eram canônicos, presididos por bispos. Escrevia-se em latim. O **Renascimento** fortaleceu a idéia de país, de nacionalidade, ressuscitando o direito romano e sepultando os tribunais eclesiásticos, desenvolvendo as línguas locais, como o inglês, o alemão, o espanhol, o francês, o português, e, sobretudo, fortalecendo a autoridade do rei. Iniciou-se progressiva e continuamente o fortalecimento do Estado e o enfraquecimento do poder temporal da Igreja, que chegara a possuir entre um terço e metade de toda a Europa. Passou-se a escrever usando as línguas locais e surgiram as primeiras escolas não administradas pelo clero. Criou-se a primeira sociedade por ações. Estava pavimentada a estrada para o desenvolvimento do capitalismo moderno.

No século XIX, o mundo já tinha se tornado capitalista, da forma mais selvagem que se possa imaginar: meia dúzia de pessoas muito ricas e a enorme massa populacional mendigando nas ruas,

¹³ Leo Huberman, A História da Riqueza do Homem, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1972, pp. 172-73.

¹⁴ Leo Huberman, op. cit., p. 191.

mesmo nos países mais desenvolvidos. Paris e Londres eram antros de mendicância. Este capitalismo, no qual mesmo as crianças eram obrigadas a regimes de trabalho de 10, 12 horas diárias, foi o pai do socialismo. As idéias de Engels¹⁵ e Marx dominaram o final do século XIX, para serem colocadas em prática a partir de 1917, com a revolução russa, que extinguiu o conceito de propriedade privada, socializou os meios de produção e restringiu a liberdade individual.

O regime implantado na Rússia durou até 1991. Os meios de produção, socializados, resultaram ineficientes e não competitivos, tornando-se incompetentes para a geração da riqueza, não obstante o sucesso alcançado em outras áreas de atividade. A falta de liberdade individual impediu as transformações necessárias à evolução do regime comunista, apressando-lhe a queda.

Mas o socialismo implantado nos países da Cortina de Ferro provocou enorme mudança no capitalismo, fazendo com que os governos passassem a se preocupar com a distribuição de renda e com o bem-estar social.

Hoje, como resultado de toda esta evolução, a crença dominante no mundo está fundamentada nas seguintes idéias básicas:

-os meios de produção devem ser privados, pois o Estado revelou-se ineficiente para administrar a geração da riqueza;

-o Estado deve ser fortemente socialista, cuidando da saúde, da segurança e da educação de toda a massa populacional;

-a liberdade individual deve prevalecer sempre, para o aprimoramento da sociedade humana;

-a fome selvagem das empresas em busca do lucro deve ser controlada através da livre concorrência, pela abertura geral dos mercados, assegurando a existência de livre competição comercial e por leis contra a formação de cartéis;

-os juros não devem ser abusivos caso contrário os bancos esfolam a população;

-e, por fim, deve-se proteger a vida no planeta, assegurando-se a preservação e a recuperação do meio ambiente.

Dentro de cada homem moderno há um capitalista e um socialista: enquanto o capitalista administra a empresa, o socialista se engaja na luta pelo bem-estar social ou ambiental. Somos todos mais capitalistas, ou mais voltados para o social, de acordo com a nossa consciência e com a fase em que cada pessoa atravessa, pois é sagrada a liberdade do indivíduo. Esta liberdade garante o desenvolvimento das instituições humanas.

Esta é a maneira de pensar do homem moderno.

República dos Camarões, Yaundê, fevereiro de 1992.

Fidencio Maciel de Freitas.

¹⁵http://pt.wikipedia.org/wiki/Friedrich_Engels, Friedrich Engels ([Wuppertal](#), [28 de novembro](#) de [1820](#) — [Londres](#), [5 de agosto](#) de [1895](#)) foi um [filósofo alemão](#) que junto com [Karl Marx](#) fundou o chamado [socialismo](#) científico ou [marxismo](#). Ele foi co-autor de diversas obras com Marx, sendo a mais conhecida o [Manifesto Comunista](#). Também ajudou a publicar, após a morte de Marx, os dois últimos volumes de [O Capital](#), principal obra de seu amigo e colaborador.